



## Até o boné deixei ficar para trás...

Num póster, pendurado numa das paredes do Centro de Distribuição Postal 1200 (CDP), em Lisboa, o alerta é permanente. É importante: "Ser cordial com os clientes; usar vestuário de serviço e placa identificativa; estar apresentável; informar a chefia sobre o estado de conservação de marcos e caixas; manter viaturas e ciclomoteres limpos e com boa imagem; ser competente." Do automóvel não vou precisar, porque o meu giro se faz a pé. De resto, falho logo no vestuário.

As calças não me servem. Vou ter de ir com as minhas, as de ganga. E a segurá-las levo um cinto, também desadequado. **Mas o chefe de CDP, Nuno Pica, está disposto a fechar os olhos.** A isso e ao facto de não ter trazido sapatos escuros, dos quais me esqueci em casa. Até o boné, com o cavalo dos CTT, "símbolo de velocidade, ligação e aproximação", fica para trás. Velocidade? Não no pensamento... É complicado lembrar tudo quando a alvorada se dá às cinco da madrugada...

atravesso, perco o controlo do atrelado, que se vira no chão, atrasando a distribuição. E os maços de cartas no interior não pesam, sequer, 14 quilos. Estamos no Verão, e "os tribunais e as escolas não estão a funcionar." "No Inverno, há mais correio", explica-me. Na verdade, o "atrelado" não pesa nem metade disso. Hoje são dois carteiros a percorrer o mesmo circuito, e cada um de nós carrega apenas metade da carga.

Paramos mais uma vez, junto a mais uma entrada de um prédio. Como habitualmente, as caixas de correio encontram-se no interior. "Primeiro, toco para aquelas que têm correspondência", explica-me, enquanto vai pressionando as campainhas. Eu vou aprendendo, e recuperando o fôlego... Comecei a andar há menos de um quarto de hora e já estou a suar em bica. Paulo está de mangas de camisa, e não leva colete. Quem sabe, sabe, penso. Mas, para mim, uns calções seriam ainda mais indicados. "Quem é?", alguém pergunta lá de cima, de uma janela. "É o carteiro, minha senhora", responde Paulo Moura, projectando a voz. E a porta abre-se...

Recordo as muitas vezes em que a passagem do carteiro me arrancou do mundo dos sonhos... E quando é preciso tocar para os outros andares, ninguém se chateia? Paulo ri-se. "Até já houve estalos", diz-me. "Há pessoas muito mal-educadas, mas não podemos responder na mesma moeda." Lanço um olhar cúmplice ao meu colega Leonardo Negrão, repórter fotográfico, e ele sai-se com a pergunta da praxe: "E senhoras mais atrevidas, também há?" Paulo volta a sorrir. "Quando era assalariado, convidavam-me para subir, logo nos primeiros dias", confessa. "Se aparece alguém mais novinho, é sempre assim." Uma mais-valia da profissão, imagino divertido, quando o carteiro me interrompe o pensamento: "Eu cá faço-me sempre de despercebido."

**Amigo, seja bem aparecido** O número 30 da Rua Victor Cordon é um típico e antigo edifício de habitação. Paulo Moura garante que é aí que vamos parar para o café. Antes de subir, para entregar em mão as cartas registadas, coloco as restantes nas caixas de correio, aqui um pouco mais ordenadas, sem que esquerdos e direitos se confundam numa malha caótica. "Vou levar também dois telemóveis", diz-me o distribuidor, que é também vendedor. "Aqueles que têm perfil, há que se aproveitar", explicar-me-ia mais tarde o chefe de CDP, Nuno Pica, e "não, não ganham mais por isso".

Apesar da ausência de comissão, Paulo não vê a nova função como um incómodo, nem tão-pouco como uma obrigação. Para o carteiro, que mais postais de boas-festas vendeu no Natal (o que lhe valeu um diploma e um telefone sem fios), trata-se, sim, de uma oportunidade. "Temos de olhar pela nossa profissão", diz-me, e "já

que tocamos à porta das pessoas...".

No interior do segundo esquerdo, Júlio Sá está sentado atrás de uma secretária. Tenho de matar a sede. "Quem recusa um copo de água não tem direito a entrar no céu", diz-me o funcionário do Sindicato Nacional de Médicos Veterinários. Bebo cinco, e garanto-lhe o paraíso. "Posso oferecer café?", pergunta o carteiro. A hospitalidade de Júlio dá à interrogação do meu colega um ar de formalidade desnecessária. "Foi o Paulo que cultivou esta amizade", diz o homem de origem africana, já na cozinha do organismo sindical. Depois de servir três cafés, Júlio abre uma caixa de bolachas. "Fiquem à vontade", diz-nos, antes de desaparecer pelo corredor.

Enquanto as pingas de suor me vão escorrendo pelas costas, e o café pela garganta, vou pensando na vida de Paulo Moura, que todos os dias da semana bate às mesmas portas, e se cruza com as mesmas pessoas. Não é por acaso que conhece por ali toda a gente. Aos 38 anos, já per-

corre os seis giros do seu grupo de CDP, na zona do Chiado, há cerca de seis anos. Como carteiro soma já 15. "Antes trabalhava num escritório, e fazia horas extraordinárias aos sábados, domingos e noites." "Recusei-me a fazer, também, à hora do almoço", explica, "e fui despedido". Foi aí que decidiu abraçar a profissão que era a do pai. A princípio "não gostava, era muito duro". "Sem a ajuda dos meus colegas, tinha sido um inferno", confessa. Mas, "hoje, já não largava isto". "Podia ter ficado como chefe, mas fui-me embora." "Gosto de é de andar na rua."

E é só andando com ele, pelas manhãs de Lisboa, que facilmente se percebe que mais gente gosta que ele ande por ali. Nesta zona antiga da cidade, são muitos os reformados que, aproveitando a visita de Paulo, matam o tédio, e quem sabe a solidão, com dois dedos de conversa. E, nesses momentos, vejo o carteiro vestir outra pele: a de amigo. A de amigo que ouve, e que acompanha. A de amigo que bate à porta, com a

singular particularidade de o fazer todos os dias. Apesar disso, parecem saber a pouco, esses breves momentos em que o carteiro distribui sorrisos que ninguém mandou, em que entrega palavras que ninguém escreveu.

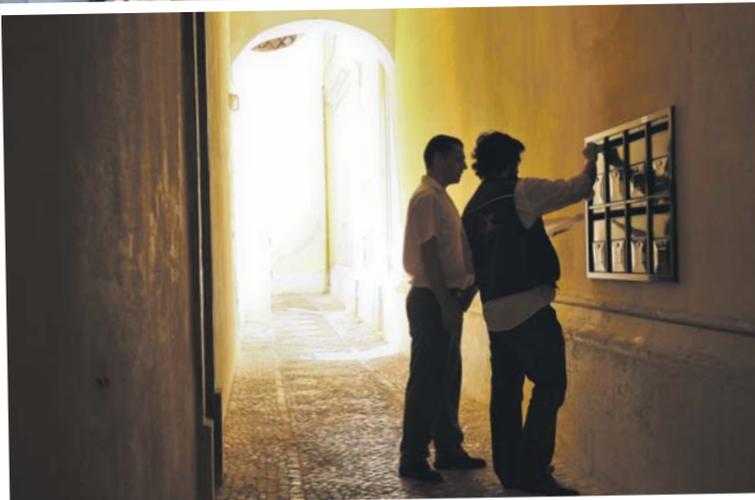
Quatro horas depois de iniciada a caminhada, os sacos estão finalmente vazios. São perto das 14.00, quando o reencontro com os restantes carteiros do grupo se dá, junto ao Largo de Camões. Só falta regressar ao CDP, e dar conta de todas as ocorrências: cobranças, cartas registadas não entregues, devoluções, vendas efectuadas, respostas sem franquia. A caminhada de regresso é bem mais simples: peso quase nulo, inclinação negativa, e uma mão já capaz de controlar qualquer percalço.

"Está pronto para começar", brinca Paulo Moura. E se fosse, de facto, começar... Quanto se recebe para acordar às 05.00, "algo a que nunca nos habituamos", e por levar a correspondência a Lisboa? "O ordenado mínimo. Este gru-



**Caos.** Numa carta, cujo destinatário é uma empresa, alguém escreveu "número 29 a 33". "Isso é número 31, primeiro andar", explica-me Paulo Moura. "É daquelas situações que só o carteiro sabe." Para dificultar ainda mais a tarefa, no interior de edifícios antigos da zona do Chiado, grande parte das caixas de correio estão, simplesmente, desordenadas. Esquerdos e direitos confundem-se numa malha caótica

**Surpresas.** "Primeiro, toco para aquelas que têm correspondência", explica-me o meu colega. E quando é preciso tocar para os outros andares, ninguém se chateia? Paulo Moura ri-se. "Até já houve estalos", diz-me. "Há pessoas muito mal-educadas, mas não podemos responder na mesma moeda." E senhoras mais atrevidas, também há? "Eu faço-me sempre de despercebido"



**Peso.** Onze volumes de cartas são colocados em dois carros, um para mim, e outro para o meu colega. "Foi a melhor invenção", diz-me Paulo Pereira, distribuidor do meu grupo. "Quando comecei, pensei em desistir", confessa, "não imagina o que era andar com o saco às costas"

## Menos do que antigamente: 58 mil cartas por dia

"Antigamente, na altura do Natal, era a confusão." Hoje, e apesar de o movimento continuar a aumentar nessa altura do ano, já não se atingem os valores de há três ou quatro anos, quando o Centro de Distribuição Postal 1200 (CDP 1220) tratava uma média diária de 70 mil unidades. **"Agora, as pessoas mandam um mail,**

**ou um sms"**, diz o chefe do CDP 1200, Nuno Pica, e isso reflecte-se no correio postal. A média é hoje de 58 mil cartas por dia, entregues da Infante Santo até ao Príncipe Real, incluindo 24 de Julho, Estrela, Bairro Alto e Cais do Sodré. Na Rua D. Luís I desde 2004, depois de vir do Terreiro do Paço, o CDP 1200 emprega 49 pessoas (44

são carteiros). Ao todo, 11 centros deste tipo servem Lisboa. No País, o número atinge 163. A esta estrutura junta-se uma mais pequena, o CAD (Centro de Atendimento e Distribuição), a comum estação dos correios. Tudo para fazer levar aos portugueses os seis milhões de volumes que circulam em Portugal de segunda a sexta-feira.

po ganha cerca de mil euros, mas metade são subsídios", explica Moura. "Quando os privados pegarem nisto... Se puderem pagar 300, porque não-de pagar mil?" A pergunta não precisa de resposta. "Um gestor pensa assim", acrescenta ainda o carteiro, já conformado... "Somos um alvo a abater."

Um alvo a abater? Recordo-me de que *O Carteiro toca sempre duas vezes*, e vou descendo em direcção ao Cais do Sodré, pela Rua do Alecrim. Aos molhos de cartas, digo adeus. Por agora... Quando sair no jornal esta história, meto a página num envelope, e envio-o à dona Edite, da [rua] Serpa Pinto. Não vá o Paulo Moura não ter razão para lhe tocar à porta nesse dia... ■